

DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO EM CRISE

*Arthur J. Almeida Diniz**

SUMÁRIO: 1. Direito internacional público em crise. 2. A globalização da pobreza. 3. Geopolítica Global. 4. O papel das instituições globais. 5. O cardápio do FMI. 6. Opção preferencial pela morte. 7. Orçamento militar: a opção pelos lucros da morte. 8. Os Estados Unidos hiperpotência e as origens da crise. 9. Os atentados de 11 de setembro: o horror no Terceiro Milênio. 10. Terrorismo e franquia. 11. Genocídio econômico. 12. Conclusões: um novo ciclo histórico.

RESUMO

O autor aborda de maneira profunda a realidade da sociedade mundial após o ataque a Nova Iorque em 11 de setembro de 2001. Afirma que a partir desse evento uma nova era se abriu, com o ideal da globalização. Esta passagem, porém, longe de se afirmar pelos métodos tradicionais, do Direito Internacional, com os entendimentos e os acordos, esta sendo levada a efeito por expedientes bélicos, com guerras localizadas, com perseguições de todo gênero, que desfazem o ideal de unidade da própria sociedade humana. Cita a luta contra o "terrorismo", denunciando a sua causa real como medidas de barbarismo levadas a efeito pelo governo de Israel contra os muçulmanos pela conquista do seu território, e repetindo expedientes semelhantes aos praticados contra este mesmo povo na 2ª Guerra Mundial. Por fim, retoma para analisar as posições daqueles que trataram da "crise" atual do Direito Internacional. Afirma que a este compete readquirir força moral como único caminho para cumprir sua finalidade de "apagar" esses incêndios de "ódio" que se estão manifestando de modo crescente na atualidade.

* Professor Titular de Direito Internacional da Faculdade de Direito da UFMG.

ABSTRACT

The author approaches in deep way the worldwide society reality after the September 11 attack to New York. Affirms that with this event a new era has opened, with the ideal of the globalization. This movement, although, far from affirming the traditional methods, of International law, with agreements and treaties, is being taken in effect warlike expedients, with located wars, persecutions of all sort, that undo the ideal of unit human society. Discusses the fight against the "terrorism", denouncing its real cause as means of barbarism taken in effect from the government of Israel against the Arabians for the conquest of its territory, and repeating the acts that were practiced against this exactly people in 2^o World-wide War. Finally, it retakes to analyze the positions of those who have talked about the International Law crises.

1. Direito internacional público em crise

Não é o direito internacional que se encontra em crise. São os integrantes da sociedade internacional que se encontram sob o guante do neoliberalismo autofágico, irracional, arrogante e criminoso. A atividade das organizações internacionais nunca foi tão importante e oportuna. A ONU, desrespeitada pela arrogância do lobby do petróleo norte-americano é considerada hoje como esperança de uma nova ordem internacional.

2. A globalização da pobreza

Entretanto, há vozes lúcidas para denunciar esse festival de besteiras que assola o planeta.

Chossudovsky(M.A *Globalização da Pobreza Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*.São Paulo:Moderna,1999)escreve:

"Desde o começo dos anos 80, os programas de "estabilização macroeconômica" e de "ajuste estrutural" impostos pelo FMI e pelo Banco Mundial aos países em desenvolvimento (como condição para renegociação da dívida externa) têm levado centenas de milhões de pessoas ao empobrecimento. Contrariando o espírito do acordo de Bretton Woods, cuja intenção era a "reconstrução econômica" e a estabilidade das principais taxas de câmbio, o programa de ajuste estrutural (PAE) tem contribuído amplamente para desestabilizar moedas nacionais e arruinar as economias dos países em desenvolvimento.

O poder de compra interno entrou em colapso, a fome eclodiu, hospitais e escolas foram fechados, centenas de milhões de crianças viram negado seu direito à educação primária. Em várias regiões do mundo em desenvolvimento, as reformas conduziram ao ressurgimento de doenças infecciosas, entre elas a tuberculose, a malária e o cólera. Embora a missão do Banco Mundial consista em “combater a pobreza” e proteger o meio ambiente, seu patrocínio para projetos hidroelétricos e agroindustriais em grande escala também tem acelerado o processo de desmatamento e de destruição do meio ambiente, causando a expulsão e o deslocamento forçado de vários milhões de pessoas”(26).

3. Geopolítica Global

Após a Guerra Fria, a reestruturação macroeconômica passou a contemplar interesses geopolíticos globais. O ajuste estrutural foi usado para minar a economia do antigo bloco soviético e dismantelar seu sistema de empresas estatais. Desde o fim da década de 80, o “remédio econômico” do FMI-Banco Mundial vem sendo aplicado no Leste Europeu, na Iugoslávia e na ex-União Soviética, com conseqüências econômicas e sociais devastadoras”(26, Pobreza Global).

Embora com mecanismos de coação diferentes, o PAE (Programa de Ajuste Estrutural) também tem sido aplicado nos países desenvolvidos, desde a década de 1990.

Não obstante as terapias macroeconômicas (sob a jurisdição dos governos nacionais) tenderem a ser menos cruéis que as impostas no Sul e no Leste, os fundamentos teóricos e ideológicos são muito similares (Pobreza Global, p.26)

Os mesmos interesses financeiros globais são atendidos. O monetarismo é aplicado em escala mundial e o processo de reestruturação econômica global também atinge bem no coração dos países ricos.

As conseqüências são o desemprego, os baixos salários e a marginalização de amplos setores da população

Cortam-se os gastos sociais e muitos dos benefícios conquistados na área do bem-estar social são cancelados. As políticas do Estado têm causado a destruição das pequenas e médias empresas.

Nos países ricos, os baixos níveis de consumo de alimentos e a desnutrição estão atingindo também os pobres das cidades. Segundo um estudo recente, 30 milhões de pessoas nos Estados Unidos são classificadas como “famintas”.

A polarização social e a concentração da riqueza.

No Sul, no Leste e no Norte, uma minoria social privilegiada acumulou grande riqueza em prejuízo da grande maioria da população. Essa nova ordem financeira internacional é nutrida pela pobreza humana e pela destruição do meio ambiente. Ela gera o *apartheid* social, estimula o racismo e os conflitos étnicos, solapa os direitos das mulheres e, freqüentemente, precipita países em confrontos destrutivos entre nacionalidades. Além disso, as reformas - visto que são aplicadas simultaneamente em mais de cem países - levam a uma globalização da pobreza, processo que aniquila a subsistência humana e destrói a sociedade no Sul, no Leste e no Norte (Chossudovsky, p.27 grifei).

4. O papel das instituições globais

As instituições globais desempenham um papel importante no processo de reestruturação das economias nacionais.

A ratificação do GATT e a formação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995 constituem um marco no desenvolvimento do sistema econômico global.

A missão da OMC consiste em regulamentar o comércio mundial em benefício dos bancos internacionais e das corporações transnacionais, bem como em “supervisionar” (Chossudovsky, p. 27) a vigência das políticas de comércio nacional. O GATT viola os direitos fundamentais dos povos, particularmente nas áreas de investimento estrangeiro, biodiversidade e direitos de propriedade intelectual.

Em outras palavras, uma nova “divisão triangular de autoridade” surgiu, baseada na estreita colaboração entre o FMI, o Banco Mundial e a OMC para “vigiar” a política econômica dos países em desenvolvimento.

Sob a nova ordem do comércio (que surgiu da conclusão da Rodada Uruguai, em Marakesh, e da criação da OMC em 1995) a relação entre as instituições sediadas em Washington e os governos nacionais foi

redefinida. A imposição das prescrições políticas do FMI-Banco Mundial deixou de depender apenas dos acordos de empréstimo de nível nacional (que não são documentos “geradores de obrigação legal”). Muitas das cláusulas do PAE (por exemplo, a liberalização do comércio e o regime de investimento estrangeiro) foram inseridas de forma permanente nos artigos do acordo da OMC. Esses artigos têm servido de base para “controlar” países (e impor “condicionalidades”) de acordo com a lei internacional.

5. O cardápio do FMI

O mesmo cardápio de austeridade orçamentária, desvalorização, liberalização do comércio e privatização é aplicado simultaneamente em mais de cem países devedores.

Estes perdem a soberania econômica e o controle sobre a política monetária e fiscal; seu Banco Central e Ministério da Fazenda são reorganizados (frequentemente com a cumplicidade das burocracias locais); suas instituições são anuladas e é instalada uma “tutela econômica”!

Um “governo paralelo” que passa por cima da sociedade civil é estabelecido pelas instituições financeiras internacionais (IFIs). Os países que não aceitam as “metas de desempenho” são colocados na lista negra.

Embora adotado em nome da “democracia” e do chamado “bom governo”, o PAE requer o reforço do aparato de segurança interna: a repressão política - em conluio com as elites do Terceiro Mundo - apóia um processo paralelo de “repressão econômica”.

O “bom governo” e a manutenção de eleições multipartidárias são condições adicionais impostas pelos doadores e credores. Todavia a própria natureza das reformas econômicas impede uma genuína democratização - isto é, sua implementação requer (contrariando o *espírito do liberalismo anglo-saxão*) invariavelmente o apoio do Exército e do Estado autoritário. O ajuste estrutural promove instituições falsas e uma democracia parlamentar fictícia, que, por sua vez, patrocina o processo da reestruturação econômica (Chossudovsky, p. 28, grifos todos meus).

Em todo o Terceiro Mundo, a situação é de desespero social e falta de perspectivas para uma população empobrecida pelo jogo interativo das forças do mercado.

As manifestações e as revoltas populares contra o PAE são brutalmente reprimidas. Caracas, 1989: o presidente Carlos Andrés Pérez, depois de ter denunciado enfaticamente o FMI por praticar “um totalitarismo econômico que mata, não com balas mas pela fome”, decretou estado de emergência e enviou unidades regulares de infantaria e fuzileiros navais para invadir as áreas de extrema pobreza (favelas) situadas nos morros que olham de cima a capital.

As manifestações de protesto contra o FMI, em Caracas, eclodiram em razão de um aumento de 200% no preço do pão. Homens, mulheres e crianças foram fuzilados indiscriminadamente: “Veiculou-se que o necrotério de Caracas tinha duzentos corpos nos três primeiros dias e que os caixões funerários estavam se acabando. Extra-oficialmente, morreram mais de mil pessoas.

Túnis, janeiro de 1984: manifestações instigadas em grande parte pelos jovens desempregados, em protesto contra o aumento do preço dos alimentos. Nigéria, 1989: as manifestações estudantis contra o PAE resultaram no fechamento de seis universidades do país pelo Conselho das Forças Armadas. Marrocos, 1990: greve geral e revolta popular contra as reformas do governo patrocinadas pelo FMI. México, 1993: insurreição do Exército de Libertação Zapatista, na região de Chiapas, sul do país (Chossudovsky, p. 29).

6. Opção preferencial pela morte.

Devemos compreender o que está se passando sob nossos olhos atônitos como sendo o resultado da *opção preferencial pela morte*.

Em 26 de julho de 2002, quinta-feira, milhões de leitores norte-americanos na leitura matinal dos periódicos, deram com uma estranha publicidade. Em etiqueta amarrada no dedão do pé de um cadáver no necrotério, podia-se ler os seguintes dizeres publicitários: “1.227 dólares, é a soma que, segundo estudos realizados a pedido da Cia. Philip Morris, a República Tcheca economiza com despesas de saúde, aposentadoria e pensões, cada vez que morre um fumante”.

Philip Morris, multinacional do cigarro, controla 80% do mercado desta república.

A firma consultora Arthur D. Little, autora do documento, ainda apresenta dados estatísticos sobre efeitos positivos indiretos (*fringe*

benefits) da economia realizada pelo Estado tcheco com a morte prematura dos fumantes. Somente em 1998 foi de 17,4 milhões de euros, algo em torno de 15 milhões de dólares.

O objetivo deste levantamento é o de mostrar aos tchecos, desejosos de endurecer a legislação antifumo, adaptando-a à da União Européia, que não seria rentável aumentar o imposto sobre o cigarro, pois ficaria muito mais caro para os cofres públicos. O levantamento sinistro continua descrevendo os efeitos positivos do tabaco sobre a economia em hospitalização, aposentadorias, etc. produzidos pela mortalidade precoce. As cifras são tentadoras. Seriam 28 milhões de coroas poupadas com asilos, 196 milhões sobre o custo de despesas com internação e 968 milhões sobre o custo social da saúde. O presidente da Philip Morris, Geoffrey *Bible* (bíblia em inglês, ironia ou piada pronta), tendo sido acuado pelo *Wall Street Journal*, admitiu o erro e anulou levantamentos similares em outros países da Europa central.

A máscara caiu.

7. Orçamento militar: a opção pelos lucros da morte.

Em livro profético, John Grisham (*A Confraria Rocco*)relata como a CIA precisa do terror para justificar os aumentos astronômicos do orçamento militar norte-americano. Newton Carlos descreve a opinião do lobby militarista sobre a atuação do ex-presidente Clinton. Durante a campanha de George W. Bush, para alegria do Pentágono, este declarava freqüentemente que a política de defesa de Clinton se resumiu a “sete anos de inércia e conversa fiada (*idle talk*)”. Os chefes militares querem verbas adicionais de 30 bilhões de dólares por ano, para os próximos dez anos. O atentado de 11 de setembro de 2001, apesar do horror, surpreendeu os analistas. O aumento da verba para defesa já atingiu 66% e até 2005, terá atingindo a casa do trilhão de dólares. Os alemães possuem um provérbio descrevendo à *merveille* esta oportunidade: *Glück im Unglück*, dizem, sorte no azar. Azar do povo norte-americano, que está sangrando, sorte do complexo industrial-militar. As empresas Boeing e Raytheon já contrataram milhares de programadores. Mal caíam as torres do World Trade Centre, duas companhias aéreas americanas, Continental e United Airlines já tinham demitido um total de 13 mil

empregados. Os preços dos engenhos de morte soam irreais. A opção pela indústria da morte é fonte de lucros fabulosos.

O pesquisador Steve Wright, diretor da Fundação Omega, sediada em Manchester na Inglaterra, descreve o que chama de “armas leves e lucros pesados”. Os massacres constituem negócios altamente lucrativos. As armas produzidas pela firma alemã Herckler & Koch(H&K) são conhecidas e usadas no mundo inteiro. Fabricadas sob licença em 12 países. H.&K. foi comprada pela Royal Ordnance, filial da British Aerospace em 1991. Mesmo os países pobres lucram alguns trocados com a exportação de armas. Até 1999, 14 países assinaram acordo de produção sob licença com firmas de 46 países e entre estes o Brasil. A Pakistan Ordnance Factory(pof)é uma estatal que exporta 150 milhões de dólares.

Segundo o jornalista francês Gilles Lapouge, um dos grandes traficantes de armas - são bilhões para os países se matarem - ficou bem conhecido, tendo vindo à tona parte de sua rede das trevas. Graças ao filho de François Mitterrand, Jean-Christophe, ficamos sabendo que Pierre Falcone, franco-brasileiro, é um dos homens mais ricos do mundo com palacetes, mulher miss boliviana, terras no Arizona, negócios no Brasil, França etc. Sua área predatória, milhões de vítimas no continente africano.

A África foi abandonada pelo Ocidente.

Todos os Estados africanos foram fabricados durante a Conferência de Berlim de 26 de fevereiro de 1885. São fronteiras coloniais, amputando grandes culturas. Nunca existiu nação no sentido europeu. A escravidão foi a primeira agressão dos brancos contra a África. Depois veio a ocupação territorial, a pilhagem de matérias-primas. Hoje existe a ditadura de oligarquias que financiam as guerras. O futuro é imprevisível.

8.Os Estados Unidos hiperpotência e as origens da crise

Foi exatamente no Afeganistão, com o apoio de dois Estados autoritários, a Arábia Saudita e o Paquistão, que Washington encorajou, durante a década de 70, a criação de brigadas islâmicas recrutadas no mundo árabe-muçulmano. Eram denominadas de *freedom fighters*, combatentes da liberdade! Nesta circunstância, todos sabemos, que a CIA contratou e formou o agora célebre Oussama Ben Laden.

Desde 1991 os Estados Unidos se instalaram na posição de hiperpotência única. Marginalizaram e humilharam as Nações Unidas. Tinham prometido instaurar uma “nova ordem internacional” mais justa. Sob este lema guerrearam o Iraque. Entretanto, segundo Ignacio Ramonet, permaneceram escandalosamente parciais em favor de Israel contra os direitos dos palestinos.

Apesar dos protestos internacionais manteve embargo implacável contra o Iraque que dizimou milhares de inocentes. Todos estes fatos indignaram a opinião do mundo árabe-muçulmano e constituem o caldo de cultura propício a um islamismo radicalmente antiamericano.

O jornalista Fareed Zakaria nos lembra que embora o Afeganistão esteja sob fogo cerrado de tropas anglo-americanas, nem um só afegão até hoje esteve implicado em qualquer ataque terrorista aos Estados Unidos. O Afeganistão é um campo de batalha onde um exército árabe luta contra a América do Norte.

O antiamericanismo é um fenômeno relativamente recente. Nas décadas de 50 e 60, segundo F. Zakaria, era impensável que os Estados Unidos e o mundo árabe pudessem entrar em conflito. A América era vista como um país glamouroso. Inglaterra e França, segundo Mohamed Heikal, eram impérios odiados e decadentes. A União Soviética estava a 10.000 km. e a ideologia comunista era anátema para a religião muçulmana.

9. Os atentados de 11 de setembro: o horror no Terceiro Milênio

Novo capítulo da História da Humanidade se iniciou em 11 de setembro de 2001 pela manhã, tendo por cenário Nova York, o World Trade Center e em Washington, o Pentágono.

Ainda que os culpados não tenham sido identificados com plena certeza, trata-se provavelmente de uma rede islâmica transnacional. Tendo sido monitorados pela verdadeira figura de bicho-papão Oussama Ben Laden ou por qualquer outro responsável, torna-se imperioso examinar as consequências globais para os países árabe-muçulmanos e para o mundo. Para Hicham Ben Abdallah El Alaoui, primo do Rei do Marrocos, Mohammed VI e professor em Princeton, mesmo que o Ocidente tenha sua parte de culpa nessa agressão permanente no Oriente Médio, existe o aumento de tensões também criadas por um islão social e politicamente

totalitário, organizado em grupos armados que promovem a interpretação unilateral dos textos sagrados. A maioria dos muçulmanos, no mundo inteiro, deseja viver sua religião em paz, junto com seus vizinhos de diferentes credos, sem a menor preocupação com o proselitismo. Mas as tensões detectadas no mundo muçulmano não existem somente no mundo islâmico-oriental. Nos Estados Unidos existe uma corrente cristã fundamentalista, expressando-se em linguagem digna de um Ben Laden. Um exemplo eloqüente. Dois tele-evangelistas influentes, Jerry Falwell e Pat Robertson, aliados declarados de George W. Bush, assim pregaram na televisão após os atentados de 11 de setembro de 2001:

“Deus permitu aos inimigos da América de nos infligir o que provavelmente merecemos. São os pagãos, os aborteiros, feministas, os gays, as lésbicas e a ACLU

[União Americana das Liberdades Civis } que, tentando secularizar a América, favoreceram este acontecimento! Eu acuso e aponto meu dedo para estes pecadores!

Steve C. Clemons da New American Foundation com sede em Washington é extremamente crítico das posições norte-americanas em relação ao conflito e às suas causas.

Em nome de suas reivindicações religiosas, de uma Grande Israel, os colonos judeus extremistas estão prontos para levar o mundo à guerra. O antídoto para tanto ódio é a necessidade de se instaurar de vez uma justiça social, revitalizar instituições políticas democráticas e relações internacionais respeitando a dignidade e a soberania de todas as nações.

Para Hicham El Alaoui, os atentados de 11 de setembro não estão ligados a nenhuma situação precisa. Estão inscritos numa estratégia ancorada numa convicção ideológico-religiosa. Demagogicamente tentam provocar uma guerra global contra o “Ocidente”, onde o “mundo muçulmano” sairá vitorioso. Os atacantes tornaram difícil saber exatamente quem condenar ou revidar, na esperança de que as represálias cegas possam atizar a cólera de todo o mundo muçulmano.

Trata-se de uma rede modesta, bem disseminado e oculta. Seus membros agem em meio à massa daqueles que partilham suas frustrações. Entretanto, o conflito pode escapar ao controle. Na expedição punitiva lançada contra o Afeganistão, o Paquistão será desafiado por

desavenças internas. Não é do interesse de ninguém vermos um regime do tipo Taliban ser instalado num país que possui a bomba atômica. Como reagirá a Índia? E a China? Como a Rússia procederá na Chechênia e no resto do Cáucaso?

Em futuro próximo, as comunidades muçulmanas dos Balkãs serão atingidas. O mesmo acontecerá com os quatro milhões de muçulmanos na França, mais de tres milhões na Alemanha e na Inglaterra.

Como estratégia que responda a este desafio absolutamente inédito na história, será preciso que os Estados Unidos procedam a uma reavaliação de sua política face às sociedades árabes e muçulmanas. Em primeiro lugar é imprescindível os Estados Unidos exigir que Israel desocupe os territórios palestinos e aceitem o direito dos Palestinos a um Estado palestino, independente, tendo Jerusalém por capital, cidade santa para todos os muçulmanos, judeus e cristãos.

Este reexame da política americana é condição indispensável nesta guerra de gênero novo. Invocar a paciência, prometendo resolver o problema palestino depois de resolver o do terrorismo não é mais sustentável. Esta carta foi muito usada durante a Guerra do Golfo e há dez anos que se espera o resultado. Exatamente em função deste fato, desde agora, que centenas de milhões de muçulmanos e numerosos europeus vão se situar imediatamente face às decisões americanas.

A violência foi mundializada. Conflitos, injustiça no lá longe batem à porta. Quem fala em política internacional fala em política local. A pobreza, a desigualdade, a repressão e a arrogância constituem problemas a serem resolvidos. Os estragos da mundialização neoliberal se fazem sentir tanto em Wall Street como nas aldeias da Ásia Central. Trata-se de problemas de segurança global. Ninguém tem o direito de errar.

10. Terrorismo e franquia

Em entrevista recente, Bernard Haykel, professor de história da Universidade de Nova York declarou que em junho e julho de 2003 já havia o anúncio em sites da Internet da al-Quaeda que anunciaram o ataque à Espanha (O Globo, 18 março 2004, p. 35).

Mais grave ainda, a al-Qaeda é um movimento que não depende só de uma pessoa. Ela é como o McDonald's: tem uma fórmula usada

por diferentes países, que agem de forma independente, verdadeira franquia.

O jornalista Johann Hari do periódico inglês Independent, em artigo publicado na Folha de S.Paulo de 26 de setembro de 2004, p. A 18 descreve “o equívoco da guerra ao “terror global”. E aponta as contradições da opinião pública internacional. Johann Hari gostaria de proibir a palavra terrorismo. E dá o exemplo definitivo. Há duas semanas, jihadistas isâmicos tchetchenos causaram a morte de 300 crianças em Beslan. Eles são “terroristas”. Desde 1991, as tropas russas já assassinaram mais de 40 mil tchetchenos. Mas os russos não são terroristas - são os aliados do ocidente. E a Tchetchênia é fonte importante de acesso às reservas de petróleo e gás natural da região. Nenhum governo russo deixará sua população livre.

11.Genocídio econômico

Um terrorismo mais letal que o dos atentados é denunciado pelo Juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos, Dr.Antônio Augusto C.Trindade. Diz ele, baseado em informes das Nações Unidas, que mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo padecem de pobreza absoluta.Os 20% mais ricos detêm uma renda 150 vezes superior aos 20% mais pobres. O prof. Washington Albino denuncia a falta de vontade política das elites dirigentes acumpliciadas com os interesses imediatistas do mundo dos negócios, consolidando uma política neocolonialista nas relações internacionais, combinada com um modelo oligárquico interno.

Miséria da ordem internacional, escreve Romualdo Bermejo.

Um sistema que coloca dois homens em tres fora de acesso ao mínimo vital,econômico, social, cultural é intrinsecamente condenável.O sucesso de um à custa da exclusão dos outros dois é abjeto. A cada segundo, morrem 40 mil crianças no mundo subdesenvolvido por falta de alimentação e tratamento de enfermidades facilmente curáveis.

Em algumas regiões do Brasil, a mortalidade infantil é hecatombe diária, equivalente a várias Bósnias. Tudo verificado, contabilizado, amplamente divulgado. Para Hobsbawn, o século XX foi o mais sangüinário de toda a história conhecida da humanidade. O século XXI iniciou-se em guerras e com a tragédia de Nova York. A leitura do discurso escatológico(desculpar o termo pedante)de Jesus contém a lição perene,

essencialmente dirigida para nossos dias tormentosos. Está em São Lucas, no mesmo cap.XIII, versículo 7: “Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis: *é preciso que aconteçam*, mas ainda não é o fim. Pois *levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino*. E haverá terremotos em todos lugares e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto”.

Estatísticas confiáveis denunciam no Brasil, anualmente, 100.000 mortes violentas. Morrem por ano 100.000 mil pessoas! Guerra? Sim, guerra civil larvada, não declarada, inquietante.

Já em 26 de março de 2001, noticiava o Estado de Minas, p. 5: “Em 20 anos morreram **dez vezes** mais brasileiros assassinados do que soldados norte-americanos em dez anos de guerra no Vietnã. Os Estados Unidos contaram 55 mil mortos naquela guerra onde foram empregados bombardeios aéreos, tanques, canhões, bombas de napalm, fuzis, metralhadoras e granadas. Estas três últimas já estão preentes nos confrontos entre gangues e tiroteios, envolvendo policiais n Brasil. A consequência disso é que só em 1998, último ano sobre o qual o Ministério da Justiça divulgou estatísticas, o País registrou 41.800.” Ficamos sabendo que o Brasil tem quatro vezes mais homicídios e roubos do que as médias mundiais.

O mais triste da estatística é a faixa etária das vítimas: de 14 a 25 anos, a flor da juventude sendo ceifada impiedosamente pelas consequências de uma ordem econômica global iníqua, perversa, covardemente consentida e aceita pelos irresponsáveis no poder de toda a comunidade internacional. Está claramente configurado o crime de genocídio econômico, pela destruição metódica, sistemática das culturas desdenhosamente denominadas de subdesenvolvidas.

12. Conclusões: um novo ciclo histórico

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, terça-feira, em Nova York iniciam um novo ciclo histórico. Saímos de uma ordem internacional bem ou mal gerenciada para um sistema fluido, imprevisível, descontrolado, ameaçador e, para seguir a palavra da moda, globalizado. Não sabemos nem quando e nem onde seremos atacados. Em qual país, qual alvo, quais personalidades. Muito fácil culpar terroristas e terrorismo. Uma das maiores ironias acontecendo sob nossos olhos, sob nossas

barbas: a guerra declarada pela maior potência bélica de toda a História, os EUA, contra um fantasma. Massacraram milhares de inocentes afegãos, em busca de um suposto culpado, Osama bin Laden. A gigantesca e caríssima operação de guerra foi montada para caçar o cérebro do terror. Se os queridos estudantes continuarem lendo os jornais vão descobrir que a caçada não é mais do fantasma de Bin Laden. Aliás, muito antes do terror de 11 de setembro, a jogada era outra. O escritor contemporâneo Gore Vidal, um ilustre americano que, ao lado de Noam Chomsky e Susan George manteve sua lucidez intacta nos adverte:

“Mas a história toda no Afeganistão não diz respeito a Bin Laden e suas posições religiosas, embora elas guardem alguma relação com isso, mas **a um grande golpe por parte dos EUA para apoderar-se de todo o petróleo e gás natural da Ásia Central. E foi isso que nos propusemos a fazer.**

A cada segundo a região amazônica perde uma área de floresta equivalente a um campo de futebol. E a dívida externa cresce, implacável. As crianças pagam os juros da dívida aos agiotas internacionais, aos banqueiros nacionais e aos abutres cognominados de políticos. A economia é responsável pelas armas ideológicas da morte. Segundo Mohammed Bedjaoui, nos últimos trinta anos o mundo gastou sete trilhões e quinhentos bilhões de dólares com armamentos. Ele acusa o Direito Internacional de indiferença e de neutralidade. Os traficantes de armas dos países desenvolvidos matam mais do que todos os terroristas. Os protestos são débeis. Os assassinos permanecem impunes.

As políticas agrárias são obscenas. No holocausto ao lucro sagrado, bilhões de seres humanos morrem de fome. Escândalo: o demógrafo René Dumont, nos alerta para o fato de existirem mais de 80.000 espécies vegetais comestíveis. Conhecemos apenas 50 espécies, por desinteresse estratégico.

O alimento deve ser raro e caro para dar lucro, segundo a lógica terrorista do neoliberalismo. Os seres humanos valem menos que animais para o corte ou cavalos nas sociedades hípcas. Brecht, genial, antecipava: os que comem não dormirão, de medo dos que não comem.

